

CONSUMIR MENOS & CONSUMAR MAIS: “santo remédio” contra a medicalização da existência

Bianca Damasceno¹

RESUMO: O artigo estabelece um contraponto entre o **consumir** e o **consumar** a fim de provocar uma reflexão que se oponha à medicalização da existência. O **consumir** representa a continuidade de modos impessoais do contemporâneo, mergulhado na compulsão por produção e consumo. Já o **consumar** abre caminho para a realização de modos próprios e autênticos, permitindo um *fazer com sentido*. A partir de pensadores da fenomenologia existencial e de críticos da pós-modernidade, acredita-se ser possível resistir à infantilização do adulto e trabalhar em prol da liberdade do ser-aí (*dasein*) de nosso tempo.

Palavras-chave: consumir; consumir; medicalização; existência; projetos com sentido; contemporâneo.

CONSUME LESS & CONSUMMATE MORE: the "holy medicine" against the medicalization of existence

ABSTRACT: The article establishes a counterpoint between to consume and consummate so to stimulate reflection that objects to the drug consumption of existence. The consuming represents the continuity of impersonal ways of the contemporary, immersed in the compulsion for production and consumption. The consummation, on the other hand, enables the achievement of impersonal authentic manners, allowing a meaningful doing. Based on the thinkers of existential phenomenology and critics of post-modernity, it is believed to be possible to resist to the infantilization of adults and to work for the freedom of the being-there (*dasein*) of our time.

Keywords: consume; consummate; drug consumption; existence; meaningful projects; contemporary

INTRODUÇÃO

Consumir versus Consumar. Eis uma reflexão válida para se entender e questionar a medicalização da existência na pós-modernidade. Consumir equivale a competir, gastar, mercantilizar todo tipo de relação. Consumar é levar a termo, coroar, rematar, atingir o ponto mais elevado.... Tem a ver com realizar uma tarefa existencial, com o tornar-se quem se é, ainda que sendo abertura. Tal reflexão visa defender a importância de um *‘fazer com sentido’* como resposta à crise existencial que marca a *era da técnica*. Se por um lado não se tem como escapar do nexo histórico e do caráter epocal da *produção*, ao mesmo tempo pode-se questionar o ser-aí do contemporâneo, convocando-o a encontrar a sua própria medida e a cuidar de si, para além do poder pastoral, realizando algo de valor para todos. A apresentação do caso “*Isadora*”, como exemplo, comprova ser possível esse caminho. A cliente chega mergulhada nos signos mercadológicos: “*anestesiada*” pelo sistema capitalista. No entanto, ao defrontar-se com suas

¹ Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade. Email: bsdamasceno@globol.com

questões existenciais e profissionais a partir de um luto de sua irmã gêmea, refaz a relação com o trabalho, imprimindo uma maneira própria de viver o seu poder-se. Tal processo se dá em escritório de Estruturação de Projetos Pessoais, Profissionais e Empresariais, ao longo de três anos de atendimento em consultoria de carreira inspirada em teorias como a fenomenologia e a psicanálise. Casos como o de Isadora confirmam que o combate à infantilização e a responsabilização do adulto representam um “*santo remédio*” contra a “*farmacialização*” da vida.

CONSUMIDOS POR TANTA MEDICAÇÃO

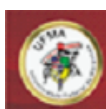
Há dez anos é assim.... Ela não se aborrece mais. Toma uma *pílula da felicidade* pela manhã para aguentar o “*tranco*” das elevadas metas impostas e da carga horária absurda do trabalho. À noite, mais um comprimido a leva a desabar na cama, disparando no corpo um bem-estar instantâneo. Não, esta não é uma personagem de conto literário. Trata-se de Regina Celi Mattos, empresária e entrevistada da matéria “*No Astral do Rivotril*”, publicada pela Revista *Veja Rio*, em outubro de 2013. A reportagem mostra o sucesso que tal medicamento vem conquistando entre os moradores do Rio de Janeiro. A partir de oito histórias reais, entre elas a do apresentador da Rede Globo, Pedro Bial, tem-se exemplos de como o produto, lançado no mercado nacional em 1973 como anticonvulsivante, deixou de ser indicado para tratamento de doenças graves e passou a servir para cuidar de toda forma de ansiedade decorrente de problemas cotidianos.

São citadas como circunstâncias de uso do rivotril: “*medo de pegar avião, stress em lidar com os filhos, temor de falar em público, dificuldade de dormir, embaraço dos pensamentos, mal-estar no ambiente do trabalho, bruxismo, enxaqueca, tensão menstrual, entre outras situações. Mas a fama de “pílula/gotinha da paz” do tranquilizante-tarja-preta, é controversa, como mostra o depoimento a seguir. “Parei de tomar e experimentei o inferno. Fiquei ansiosa, com dores de cabeça, não conseguia ficar parada, nem dormir. Precisei voltar a tomar e retirar o remédio gradativamente*” – relata Maria Leal Veloso, estudante de psicologia (CERQUEIRA, *Veja Rio*, 2013). A perda do controle também aconteceu com a dona de casa, Beatriz Noval, que admite que “*no início era um prazer. Com o tempo, ingeria mais de dez comprimidos ao dia. Perdia a noção das coisas. Contava para uma amiga uma história e cinco minutos depois esquecia*” (id., 2013).

Há também o outro lado da moeda. As pesquisas que visam, ao contrário de entorpecer e relaxar, suspender o repouso por completo. É o que relata Jonathan Crary em seu livro “24/7 – *Capitalismo tardio e os fins do sono*”. Na obra, Crary conta, por exemplo, sobre recursos do governo dos Estados Unidos destinados a estudos do cérebro do *pardal de coroa branca*, espécie de pássaro com capacidade de permanecer acordada por até sete dias sem descansar. A ideia é obter conhecimentos aplicáveis à atividade cerebral humana de modo que as pessoas fiquem sem dormir, funcionando produtiva e eficientemente, em alto desempenho. Objetiva-se começar pelos soldados americanos até se atingir, conseqüentemente, a esfera social comum, criando “produtos contra o sono, após agressiva campanha de marketing das empresas farmacêuticas, tornando-se uma opção de estilo de vida – e depois, para muitos uma necessidade” (CRACY, 2014, p. 11). Essa é a base do que autor chama de sistema 24/7 – 24 horas por sete dias na semana – em total exercício da engrenagem dos mercados de trabalho e serviços.

Histórias como essas alertam para o fato de que o mundo contemporâneo tende a se consumir de tanto se medicar e que a medicalização está a serviço de uma realidade hiperconectada, de giro ininterrupto da produção e do consumo. Quando o homem se torna um empecilho ao bom funcionamento dessa lógica, algo precisa ser feito. Por isso, na busca apressada e intolerante pelo “conserto” do que se mostra defeituoso, debilita-se, dilapida-se e abate-se a própria vida, com o amparo de uma ciência que matematiza e antecipa numericamente um ideal de perfeição que atenda aos imperativos do capital. Ideal este que nega o limite, a dor e a falta, prometendo ilusoriamente seu tamponamento, mas que justamente por isso, exacerba o vazio. As mais variadas áreas de conhecimento na pós-modernidade não escapam dessa realidade, sucumbindo a um discurso que, como aponta Lacan em seu Seminário 17, “substitui os antigos escravos pelos que agora são, eles próprios, produtos, consumíveis tanto quanto os outros. *Sociedade de consumo*, dizem por aí... *Material humano*, como se enuncia, sob os aplausos de alguns” (LACAN, 1992 [1969-70], p. 30). Dilthey também alerta que “as *ciências humanas* buscam precisamente uma base firme, universalmente válida, para os conceitos e proposições com as quais elas são obrigadas a operar” (2011, p. 33). Para o filósofo, isso apenas coopera para a “elevação do espírito cético e da empiria infrutífera, e, com isso, para a cisão crescente da vida em relação ao saber” (ibid, p.32).

Este ideal de perfeição, comprovação e mensuração só pode ser possível neste tempo. Afinal, partindo do pensamento diltheyano, a vida está marcada pelo nexos histórico, ou seja, pelo espírito de cada época. Neste caso, pela ‘era da técnica’. As narrações acima caracterizam



isso: um momento em que se *faz* e se *produz* incessantemente, de forma a não se conhecer freios e barreiras. Para Lacan, esse modelo “é algo loucamente astucioso e anda como se estivesse sobre rodas, anda rápido demais, se consome” (LACAN, 1978 [1972], p. 48). Consome a si mesmo como sistema por consumir a todos os recursos dos quais lança mão, inclusive os ditos “recursos humanos”. Portanto, é a mais completa consumição. Assim, muito se adocece. Assim, muito se medica. Assim, muito se consome. E começa tudo de novo.... Como não se tornar um objeto consumido?

CONSUMAR-SE, UM “SANTO REMÉDIO” CONTRA A MEDICALIZAÇÃO

A resistência à objetificação humana pelas vias da medicalização precisa partir da lembrança, como defende o pensamento heideggeriano, de que enquanto ser-aí somos o próprio caráter de indeterminação que necessita pré compreender o ser que é o mundo histórico no qual estamos para que possamos realizar a nós mesmos em meio a múltiplos comportamentos. Portanto, enxergar o horizonte hermenêutico a que toda essa lógica medicalizante se desencadeia é fundamental. Impossível é pensar o particular sem se considerar o todo historicamente instituído. Dessa forma, se vida é vida histórica, a era da técnica se impõe e é a partir dela que se configura o existir do contemporâneo. O ser-aí está capturado. Não se pode negar, nem escapar disso. Contudo, ao se abrir um debate questionador a respeito do modelo, uma crise se instala. Uma resistência se faz. Como aponta Casanova, “... a descoberta de temporalidade do nosso tempo e da mundanidade do nosso mundo envolve sempre uma experiência de ruptura, de quebra, de dissonância” (CASANOVA, 2013, p. 13) dos modos impessoais de existir. Dito isso, a saída do consumir-se pode estar no consumir-se. Em outras palavras, na substituição de um “fazer” desinteressado, individualista e competitivo, por um “produzir” devotado a um sentido autêntico. O pensamento do poeta Rainer Maria Rilke talvez seja uma boa maneira de compreender o que isso representa, por meio de uma de suas cartas ao jovem Franz Kappus, na obra *Cartas a um jovem Poeta* (2013 [1903], 23-28). A correspondência é uma resposta às inquietações do jovem que ambiciona ser poeta e espera ansiosamente pelo endosso do mestre. Rilke chama Kappus à responsabilidade, inquirindo-o a respeito de sua verdadeira devoção à escrita:

O senhor me pergunta se os seus versos são bons. Pergunta isso a mim. Já perguntou a mesma coisa a outras pessoas antes. Envia os seus versos para revistas. Faz comparações entre eles e outros poemas e se inquieta quando um ou outro redator recusa suas tentativas de publicação. Agora lhe

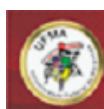
peço para desistir de tudo isso. O senhor olha para fora (...). Há apenas um meio. Volte-se para si mesmo. Investigue o motivo que o impele a escrever; comprove se ele entende as raízes até o ponto mais profundo do seu coração, confesse a si mesmo se o senhor morreria caso fosse proibido escrever. Sobretudo isto: pergunte a si mesmo na hora mais silenciosa de sua madrugada: *preciso* escrever? Desenterre de si mesmo uma resposta profunda. E, se ela for afirmativa, se o senhor for capaz de enfrentar essa pergunta grave com um forte e simples "PRECISO", então construa sua vida de acordo com tal necessidade (...). - Paris, 17 de fevereiro de 1903². - (2013 [1903], 23-28)

Ao convocar Kappus a ouvir o silêncio de sua vocação, Rilke o chama a uma tarefa existencial. Segundo Viktor Frankl, essa é a via certa para o tão vislumbrado sucesso que todos almejam na atualidade. Para o pai da logoterapia, o êxito legítimo e sustentável é aquele que se faz como o efeito colateral da dedicação a uma causa maior ou à rendição a outros seres. (FRANKL, 2008 [1983], p. 10). Ao mesmo tempo, ocupar-se dessa tarefa existencial significa resgatar o “cuidado de si” socrático - apontado por Foucault como subjugado pelo poder pastoral no mundo contemporâneo. Para o filósofo, “o cuidado de si (*epiméleia heautoû*) é realmente o quadro, o solo, o fundamento a partir do qual se justifica o imperativo do *conhece-te a ti mesmo*” (FOUCAULT, 2010 [1981-2], p. 9). Foucault esclarece que “Sócrates é sempre, essencial e fundamentalmente, aquele que interpela os jovens na rua, dizendo: *é preciso que cuideis de vós mesmos*” (id, 2010 [1981-2], p. 9). Portanto, a orientação de Rilke para que Kappus não se renda ao mercado editorial e não espere nem mesmo dele – Rilke - um aval qualquer, ilustra o “basta” à conduta prescritiva e moralizante da modernidade que diz o tempo todo o que cada um deve fazer. Rilke, o grande mestre, devolve ao jovem poeta a sua própria medida, a sua própria liberdade a partir da consumação de sua existência.

O “CASO ISADORA” – A substituição do consumir-se pelo consumir-se

Ela chegou ao escritório com trinta e seis anos de idade e com uma frase embaixo do braço: “o meu sócio não me vê”. Já havia feito cursos e procurado por serviços específicos de orientação, mas não conseguia dar direcionamento a sua queixa. Isadora buscou o trabalho de *Organização e Comunicação de Ideias* para *Estruturação de Projeto Profissional* porque estava abrindo um fábrica de bebidas com um sócio com quem tinha dificuldade de lidar. Nesse sentido, apesar do avançar da abertura da firma, tinha dúvida se o empreendimento iria vingar, pois o tal sócio - segundo ela - vinha deixando todo o operacional da empresa em suas mãos. Por mais que sentisse vontade, não estava com coragem de voltar atrás e desistir do negócio.

² Franz publicou as cartas recebidas de Rilke em 1929, três anos após a morte de seu interlocutor.



Afinal, não era de “largar o osso”, como dizia. Ao contrário, se auto definia uma mulher forte, pragmática e resolutiva em tudo o que fazia. Por isso mesmo, o excesso de trabalho não a incomodava. Prova disso era que já havia providenciado toda a papelada necessária, inclusive na Anvisa, além do projeto de marca, questões estruturais, fiscais e contábeis. Mas quase nunca demonstrava entusiasmo com a situação. Além disso, quase não falava em projeção de ganhos e realização profissional. A sua maior atenção se voltava para o tanto que ainda precisava ser providenciado e para o medo do fracasso, pois estava insegura naquela parceria. Restava correr contra o tempo, como o coelho branco do mundo de Alice, a lamentar: “é tarde, é tarde até que arde...eu tenho pressa, pressa, muita pressa...”. Consumia-se de tanto fazer.

Em seu histórico, já tinha sido dona de um bar que havia deixado com uma sócia para trás, pois se sentia sobrecarregada na divisão do trabalho. Teve prejuízo ao sair, decidindo não brigar pelo que considerava justo para não perder a amizade da parceira. Em projetos avulsos, Isadora diz ser frequentemente chamada para organizar eventos com donos de empresas de festas por ser conhecida como profissional séria e dedicada. Contudo, sempre que volta ao tema do reconhecimento e dos ganhos, novamente se mostra insatisfeita, dizendo ser pouco valorizada e ter grande dificuldade em cobrar pelo que faz. Pouco discute com as pessoas sobre direitos, dinheiro ou poder. Diz não saber lidar com os temas, nem embater pelo que seja justo entre a sua parte e a parte do outro nos contratos. A certa altura de um atendimento, tratando de aspectos de gestão que envolviam o seu trabalho, a cliente registra mais uma chateação com os abusos do sócio na fábrica de bebidas. Vai além, reclamando sobre o quanto a sua trajetória profissional vem sendo marcada por embolar-se em seus pares e não ‘ser vista’. É nessa hora que volto para ela uma indagação que transforma o rumo do processo:

Vejo que você sempre realiza os seus projetos profissionais com outra pessoa. Percebo que mesmo trazendo uma história de empreendedorismo, você não me relatou qualquer experiência ‘solo’ na sua carreira. Você investe sempre em sócios e parceiros profissionais mesmo se queixando de não se sentir vista. Qual é o papel do outro nos seus sonhos e nas suas realizações?

A partir deste momento, Isadora muda de postura. Fica quieta, olha para o chão, sua respiração fica alta, seu rosto está sério, uma mão se segura na outra, buscando apoio mútuo. Isadora chora. Depois de um tempo de profundo silêncio na sala, ela revela ter perdido uma irmã gêmea (univitelina) há dois anos, após um longo e doloroso câncer de mama. Emenda desabafando que as ações de sua vida sempre haviam sido realizadas com alguém e que era difícil para ela estar sozinha. A moça forte, destemida, pragmática e quase fria desmorona e diz que gostaria de recuperar a sua emoção no *fazer*.... Abre-se, então, espaço para que o fenômeno

da perda da irmã gêmea apareça e dialogue com suas questões profissionais. Isadora havia feito terapia para lidar com o luto, contudo, na época, as temáticas de trabalho não se faziam tão relevantes diante de todo o sofrimento causado pela doença e morte de Isabela. A partir daquele momento o rumo de nosso processo passa, portanto, a considerar tópicos como o não saber realizar sem pares. Também a culpa e a autopunição pela morte da irmã presentes na compulsão pelo fazer. Tudo em troca de absolvição e aceitação. Daí a dificuldade de demarcar "território" e embaraço em saber onde ela termina e começa o outro.

Todas as verdades e teorias, inclusive àquelas relacionadas à “gestão de negócios”, entram em suspensão. É permitido à cliente trazer à tona, sem rótulos, o seu estranhamento de estar "sozinha" no mundo, sem a presença daquela que era a sua extensão desde o nascimento (vestiam roupas iguais, usavam os mesmos penteados, faziam os mesmos programas... até a juventude). A cada atendimento, ela vai fazendo relações com a sua dependência de um alguém espelhado que legitime o seu existir. E também relações que desvelem a sua "impossibilidade" de dar certo na vida (por não merecimento). Contudo, e ao mesmo tempo, o processo privilegia o que é só dela: a vocação, os valores pessoais, os talentos e as habilidades, tão presentes nas experiências que relata. Com o caminhar, o poder-ser da cliente, antes implicado num “gêmeo”, num “par”, começa a se abrir para uma nova representação diante do "aí" que se mostra. Sim, ela agora está só, mas tem como contar consigo mesma e com uma nova forma de estar diante do outro. Começa, então, a se conceber única e livre para fazer do seu jeito, sem as amarras do mercado e sem as culpas que envolvem a sua tragédia pessoal. De muitas de suas falas marcantes, uma é decisiva:

Pensei muito. Venho entrando em contato com tudo isso. Eu não olhava para as minhas dores. Eu olhava a minha outra metade precisando da minha ajuda e pensava: "ela sim tem um problema e muitas dores, literalmente". Acabei me tornando distante de mim. Acabei não me vendo mais e fazendo com que os outros não me vissem. Endureci. Entendo agora que preciso servir à emoção, sabe Bianca... A emoção que eu estanquei. A emoção que eu perdi. Enquanto não for assim, não vou dar certo. Desejo profundamente promover encontros motivados por um sentido valoroso, a fim de tocar as pessoas. Esse é o caminho para a minha demarcação de território no mundo. Só esse projeto faz sentido empreender!

O consumir se desvela. Dessa forma, com o passar do tempo, Isadora resolve deixar a sociedade da empresa de bebidas. Na sequência, decide abrir, pela primeira vez sem sócios, o seu próprio negócio: uma empresa de produção de eventos e serviços de pousada-residência, especialmente para turistas estrangeiros. Isso se dá de dois anos para cá. A essa altura, já lida com planejamentos e controles financeiros com desenvoltura, melhorando também a sua

relação com o estabelecimento de contratos. Atualmente, possui em sua logomarca o seu nome, junto à assinatura: *Assessoria em Eventos Valorosos*. O negócio já se encontra minimamente estável. O trabalho de Isadora já foi matéria em jornal de grande circulação e está com um belo site no ar. Ela está ganhando dinheiro e conta com uma carteira de clientes em expansão. Porém, me diz que o mais importante é o fato de fazer aquilo que considera ter um sentido como projeto profissional e de vida. Deixou de se consumir para se consumir. Não cedeu às muitas prescrições para uso de antidepressivos e ansiolíticos. Também decidiu, com apoio médico, por não fazer a mastectomia total das mamas, mesmo ouvindo de muitos especialistas que tinha 90% de chance de ter câncer como a irmã. Isadora cuida muito bem de sua saúde, com exames “religiosamente” semestrais.

O caso de Isadora exigiu o voltar às coisas mesmas e o dar um passo atrás em relação a tudo o que o "suposto saber metafísico" de consultoria trazia. Foi preciso focar no vivido, na experiência de geminação, duplicação, espelhamento... e em tudo o que - por intencionalidade - se desdobrava em sua carreira profissional. Partindo dessa perspectiva, ficou claro o quanto a cliente estava completamente fora da própria medida. A vida gêmea 'deslizada' para as parcerias profissionais se somava às determinações do mundo da técnica que a impeliavam a fazer, fazer, fazer...movimento típico da compulsão por preenchimento. Na verdade, o processo de Isadora demonstra a força das tonalidades afetivas sobre o dasein: a angústia (nadidade), o tédio (desinteresse) e o temor (ameaça da própria extinção)³. Ao perder aquela que considerava o seu espelho ou a sua extensão, a cliente se deparara com a sua condição de ‘ser-para-a-morte’. Contudo, ao deixar de negar o estranhamento, abre-se para outra possibilidade, reformulando sentidos do que seria o empreender com o outro.

Como confirma Feijoo ao se referir às tonalidades afetivas, “o ser-aí ou bem retoma aquilo que lhe é familiar, ou bem se concretiza no poder-ser, singulariza-se, o que consiste na perda, nem que por um instante, da tutela do mundo”. (2011, p. 33). Por tudo isso, muito mais do que qualquer resultado efetivo, o marcante foi ver a cliente fazer rearticulações ao olhar de frente o caráter frágil, vulnerável e finito de sua existência. Diante do jogo entre "próprio e impróprio", Isadora suspendeu as prescrições que compunham "o seu mundo" e ressignificou a relação com o outro, colocando-se nas parcerias como alguém que se importa e cuida de si. O

³ As tonalidades afetivas foram mais detidamente desenvolvidas por Heidegger a partir de 1930, o denominado Heidegger tardio. Para Heidegger, as tonalidades afetivas são determinantes do modo como experimentamos o mundo, e, portanto, para o modo que nos encontramos em um espaço compartilhado. São as tonalidades afetivas questões fundamentais da Daseinsanálise de Merdard Boss e sua orientação pela teoria de Heidegger. In: FEIJOO, 2011, p. 32-33).

processo de Isadora terminou no final de 2014. Foram três anos em processo de (re) estruturação de seu Projeto Profissional. Agora, ela segue e certamente continuará se defrontando com suas antigas verdades, é claro. Como aponta Ana Feijoo, “é compreensível que no horizonte histórico onde predomina a técnica, os profissionais perguntem qual é o remédio, qual é a palavra, como agir para encontrar este ou aquele resultado” (2011, p. 31). Mas que bom que, por outro lado, de acordo com o pensamento heideggeriano, “a vida é um projeto que parte de um estar lançado, sempre desvelando possibilidades”. (id., 2011, p. 32). No final das contas, vencer o horizonte hermenêutico é vencer a si mesmo. Isadora deixa demonstrado que, ao lidar com a negatividade, abandona-se o estado de camelo da primeira metamorfose de Zaratustra (NIETZSCHE, 2011, p. 28), permitindo-se o “eu quero”⁴ do leão e atingindo-se um “novo começar”⁵ da criança. Tanto para Isadora quanto para todos, a liberdade é mesmo uma tarefa.

CONCLUSÃO

No romance “Quando Nietzsche Chorou” [*When Nietzsche wept*], livro de Irvin Yalom (2003) que conta com o filme homônimo de direção de Pinchas Perry (2007), é possível encontrar o termo consumir através de um diálogo entre o filósofo e o médico Josef Breuer. Nietzsche afirma que a morte só não é aterrorizante para aquele que consumou a sua vida: “nós devemos morrer, mas na hora certa! A morte só não é aterrorizante quando a vida já se consumou! Você já consumou sua vida, Josef?” (2007), Nietzsche pergunta. “Você viveu a sua vida? Ou foi vivido por ela? Escolheu-a? Ou ela escolheu você? Você a esgotou?”. (2003). Seria esse, talvez, o sentido da fala crística na cruz: “Tudo está consumado!” (*Τετέλεσται!*). Diferente desse consumir adulto que escolhe e assume o seu agir no mundo, o consumir conota uma ação infantilizada que, como defende Benjamim Barber, torna crianças consumidores e consumidores crianças. “Ou seja, torna as crianças mais inteligentes e os adultos mais tolos, tirando deles o poder de cidadãos” (2009, p. 32). Portanto, ao se discutir a medicalização da existência, é válido o exercício de contrapor esses dois verbos. Deixar de se consumir e passar a se consumir é o que faz com que se dignifique a existência. Pois consumir a vida, é “morrer-

⁴ “Não-farás chama-se o grande dragão. Mas o espírito de leão diz eu ‘quero’. NIETZSCHE, **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 28.

⁵ “Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começar, um jogo, uma roda a girar por si própria, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim. Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim: o espírito quer agora sua vontade, o perdido para o mundo conquista seu mundo”. NIETZSCHE, **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**, 2011, p. 28-29.

se”. Consumar a vida, é viver para além de si mesmo, ainda que se sabendo finito. Fica, por fim, para cada um, a pergunta de Nietzsche: o que ainda precisa ser consumado? Aquelas coisas mais importantes pelas quais lamentaria a nossa alma se não tivesse realizado.... Isso remete a uma fala do psicólogo Rollo May quando diz que sabe somente duas coisas: uma, que algum dia estará morto; outra, que no momento não está. A única questão é o que fazer entre essas duas datas?

REFERÊNCIAS E FONTES

BARBER, Benjamin. **Consumido: como o mercado corrompe crianças, infantiliza adultos e engole cidadãos**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

CASANOVA, Marco Antônio. **Eternidade frágil: ensaio de temporalidade na arte**. Rio de Janeiro: Via Vértice, 2013.

CERQUEIRA, Sofia. **No astral do rivotril**. Revista Veja Rio. Rio de Janeiro: 02.10.2013. Atualizado em 13.05.2014. In: <<http://vejario.abril.com.br/materia/cidade/riscos-uso-banalizado-rivotril-cariocas-rj/>>. Consultado em 29.03.2015.

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DILTHEY, Wilhelm. **Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica**. Rio de Janeiro: Viaverita Editora, 2011.

FEIJOO, Ana Maria Lopes. **A clínica da análise: considerações preliminares**. Revista da Abordagem Gestáltica. XVII (1): 30-36, jan-jun, 2011.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Petrópolis: Vozes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo I**. 12ª. Edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

LACAN, Jacques. **Du discours psychanalytique**. Conferência à Universidade de Milão, em 12 de maio de 1972. Milão: La Salamandra. 1978 [1972].

_____. **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1992 [1969-70].

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PERRY, Pinchas. **When Nietzsche Wept**. Millennium Films, 2007. In: <https://www.youtube.com/watch?v=L1hEswQttZE>. Consultado em 15.04.2015.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Porto Alegre: L&PM, 2013 [1903].

YALOM, Irvin D. **Quando Nietzsche chorou**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.